

**Hoje vou contar** para Scott Abrams que estou apaixonada por ele.

Às vezes, acho que, se ele soubesse, admitiria se sentir da mesma forma. Outras vezes, acho que ele daria tanta risada na minha cara que eu nunca me recuperaria.

Mas...

Poderia ser tão fácil! Simplesmente ir até ele, contar e ver o que acontece. Expor tudo. Finalmente saber como ele se sente em relação a mim.

Provavelmente seria mais fácil se ele soubesse que eu existo.

Durante dois anos, a esperança de que Scott Abrams pudesse gostar de mim me fez ir em frente. É como se eu vivesse dessa energia. A ideia de estar com ele chega a ser quase mais emocionante do que estar com ele de verdade, mas é claro que eu quero que essa fantasia se torne realidade.

A questão é que ele nunca me notou. Pedir desculpas porque esbarrou em mim acidentalmente no corredor, no ano passado, não conta. Por isso, contar a ele que pertencemos um ao outro talvez seja loucura.

Bem, acho que sou louca, porque vou fazer isso de qualquer jeito.

— Você não pode fazer isso — disse April.

Contar para Scott nunca foi um grande plano ou coisa do gênero. Quero dizer, sim, eu pensei nisso todos os dias, imaginei como seria incrível deixar alguém entrar em minha vida. Confiar em alguém completamente. No entanto, nunca pensei que realmente diria para ele como me sinto. Era só imaginação.

Então, ontem, quando April e eu estávamos enchendo balões para o piquenique do segundo ano (ela é o tipo de pessoa que gosta de se envolver em diversas atividades, o que acho bastante irônico), tive a ideia: eu contaria para ele no piquenique da escola. Provavelmente seria o último dia que nos veríamos até o recomeço das aulas. Além disso, era o período perfeito para começarmos a sair, com o verão todo pela frente. A combinação entre estar com Scott Abrams e dois meses de liberdade parecia o máximo!

April não concordou.

— Por que não? — perguntei.

— Pense, Brooke!

April deixou sair o ar de um balão vermelho parcialmente cheio.

— O que acha que ele diria se você contasse?

— Não sei. É por isso que não contei ainda.

— Quantas vezes nós já tivemos esta conversa?

April tinha razão. Ela me escutava falar sobre a obsessão por Scott há dois anos. Ela estava mais do que pronta para uma mudança de assunto.

— Mas você está supondo que ele não gosta de mim só porque nunca conversou comigo — continuei. — Nós não sabemos disso com certeza.

— Você realmente vai fazer isso?

— Vou.

— Depois de tudo o que conversamos?

— É.

— Você não vai se importar...

— Não — disse eu —, não vou me importar se ele espalhar para a escola inteira. E vou contar até para Candice que eu gosto dele. Não posso continuar fingindo que não pertencemos um ao outro.

— Mas como...

— Eu simplesmente *sei*.

Não consigo explicar “O Saber”. É algo que sinto há muito tempo. Existem certas coisas que apenas sei, como quando alguma coisa cru-

cial está prestes a mudar minha vida. Só aconteceu comigo algumas vezes, mas, quando acontece, é absolutamente evidente e incontestável. Tenho esta sensação intensa de clareza que força todas as outras coisas a se adequarem ao contexto. “O Saber” não está apoiado pela lógica ou por informações factuais, mas está sempre certo.

Você deve imaginar que April, a esta altura, estaria menos cética em relação ao “Saber”, já que somos amigas desde o oitavo ano. Ela sempre esteve presente. Bem, não durante os períodos mais difíceis, mas as coisas aconteceram antes de nos tornarmos amigas.

É por isso que sei que Scott e eu temos de ficar juntos. Nunca tive tanta certeza de alguma coisa em toda minha vida!

Sempre tem teatro no piquenique do segundo ano.

Nos últimos três anos, aconteceram espetáculos muito importantes. Não *importantes* no sentido de “épicos e intensos”, e sim no sentido de “horrorosos e errados”. No ano passado, Gina Valento entrou em trabalho de parto ao tentar pegar um pão de hambúrguer; a bolsa rompeu e a água espalhou por toda parte, inclusive na horrível sandália masculina do senhor Feinburg. No ano anterior, um garoto quebrou o nariz de outro, que tinha riscado seu carro com uma chave. E, no ano anterior a esse, as calças da senhorita Richter abriram na costura traseira. Rasgou *muito*.

Eu realmente espero não ser parte do maior escândalo do piquenique do segundo ano, sobre o qual as pessoas vão fofocar no ano que vem.

Scott está do outro lado, com alguns garotos do time de lacrosse<sup>1</sup>. Ele não é como eles. Quero dizer, Scott tem cabelos lisos, loiros, olhos azuis bem claros e um metro e oitenta de altura, então ele se entrosa em qualquer grupo de garotos fisicamente privilegiados, mas

<sup>1</sup> Lacrosse é um jogo com dois times de dez jogadores, que usam bastões com cestas curvas nas pontas para pegar, carregar e jogar a bola (N. T.).

eu o observo há tempo suficiente para saber quem ele é realmente. Ele escuta atentamente quando as pessoas conversam com ele, irradia autoconfiança de um jeito que faz você querer ser seu amigo, e é muito inteligente.

Se você visse meu boletim escolar, não me acharia nem um pouco inteligente. Mas, se a escola me interessasse o suficiente para eu me importar e tirar notas decentes, as coisas poderiam ser diferentes. Mamãe sempre diz que sou inteligente. O que geralmente é seguido por uma reclamação de como eu deveria estar indo melhor na escola, ou como sou preguiçosa, ou como estou jogando minha vida fora por “não usar todo meu potencial”. E aí a parte em que ela diz que sou inteligente fica aniquilada.

Mamãe não era assim tão severa comigo. Antes de papai se mudar, era muito mais fácil me dar bem com ela. Tudo mudou quando ele nos deixou. É como se ele fosse a cola que nos mantinha juntas. Ele foi embora quando eu tinha 11 anos. São longos seis anos de um relacionamento tenso com minha mãe, o qual, eu acho, nós nunca mais vamos conseguir melhorar.

Ele estragou tudo...

April me cutuca.

Eu o estava encarando de novo? Ah, provavelmente encarava ele de novo...

Recado para si mesma: pare de encarar Scott Abrams!

— Você ainda vai fazer aquilo? — pergunta ela.

— Sim.

— Fazer o quê? — Candice interrompe. — Aqui está sua limonada.

— OK, obrigada! — agradeço, pegando o copo. — Hum...

April me dá uma olhada rápida.

— Brooke só estava dizendo que vai comprar aquela bolsa que ela quer — diz ela a Candice.

— Aquela do Mandee? — continua Candice.

— A própria — confirmo. — Nós nos pertencemos.

— Está em liquidação?

— Não, mas só restam duas e sei que, se eu não comprar, vou ficar brava comigo. Estou de olho nessa bolsa há algumas semanas, esperando que entre em liquidação. É preta, com enfeites prateados: minhas cores.

— Ah, olha, a Jill! Vamos perguntar sobre a próxima semana — April puxa Candice.

Eu sei o que April está pensando. A ameaça de me deixar sozinha para fazer papel de boba na frente de Scott é menos grave que a ameaça de me deixar contar para Candice que eu gosto dele. Por isso, April a arrasta dali e olha para trás com olhos suplicantes, tipo: “Não faça isso!”.

Scott continua com o time de lacrosse. Não sei como farei para ficar a sós com ele. Ontem, quando tomei a decisão, de repente, de contar para ele, ela não veio com instruções.

Então, Scott vai até a mesa de bebidas. Sozinho.

É a minha chance. Estou nervosa demais. A questão é que pode ser a única chance do dia e, se não aproveitá-la, talvez somente o veja no próximo ano. Eu me forço a ir até ele.

Scott está vasculhando o *cooler*.

— Você está vendo algum *Mountain Dew*?<sup>2</sup> — pergunta ele.

Olho para trás para ver com quem ele está falando.

Somos os únicos aqui.

Scott Abrams está falando comigo.

— Hum... — dou uma olhada nas latas de refrigerantes. — Não, desculpe...

Ele pega um Ginger Ale.

Sempre que estou perto dele, Scott exerce este extremo poder sobre mim. Ele nem precisa estar dentro do meu campo visual para

<sup>2</sup> Refrigerante não alcoólico, de cor verde-limão característica, fabricado pela Pepsi nos Estados Unidos (N. T.).

me deixar ruborizada. Só de saber que está no mesmo prédio em que estou, já fico nervosa. Por isso, estar assim tão perto dele faz com que todas as células do meu corpo vibrem, na maior expectativa.

Ele está segurando a tampa do *cooler*, mantendo-o aberto.

— Você queria um?

— Ah, é! Certo. Desculpe!

Recado para si mesma: pare de se desculpar.

— É bem fraco — diz Scott.

O que significa que ele continua falando comigo...

— Totalmente.

Eu é que sou fraca. Por algum motivo bobo que nunca entenderei, ainda estou olhando para o *cooler* tentando decidir qual bebida eu quero. O que parece impossível fazer enquanto estou sendo observada pelo garoto por quem sou apaixonada.

Concentre-se! Devo simplesmente me aproximar dele e contar? Ou devo lhe perguntar se pode conversar mais tarde?

— Você faz origami, né? — pergunta Scott.

Espere aí! Como ele pode saber disso? Eu faço dobradura de papel há anos. Minha fascinação por origami começou no sétimo ano, quando a senhora Cadwallader nos ensinou a fazer copos de papel. Continuei até conseguir fazer o pinguim, o dinossauro e o elefante. Atualmente, trabalho em uma família de polvos.

— Faça.

Escolho um Ginger Ale. Scott fecha o *cooler*.

— Como sabe disso?

— Eu vi você — responde ele.

— Viu?

— Você não fez aqueles enfeites para a senhora Litchfield no ano passado?

— Fiz.

— Ficaram muito legais!

— Obrigada!

Eu *não posso* acreditar que ele se lembra disso. E o que ele quis dizer com: “Eu vi você”? “Eu vi o quanto você é comum”? Ou “eu vi você porque também estou apaixonado por você”?

Apesar de todos os assuntos possíveis que listei para conversar com Scott Abrams e de todo o roteiro que planejei caso uma oportunidade como esta surgisse, neste exato momento não consigo pensar em nada que possa mantê-lo interessado na conversa.

Está na hora de arriscar.

— Scott, eu...

— Oi, Abrams, me passa um Dew? — grita Chad.

— Acabou! — grita Scott de volta.

— Me passa uma Sprite!

Scott joga uma para ele. É óbvio que o arremesso é perfeito. E é claro que Chad pega a lata no ar como se fosse a coisa mais fácil do universo. Esses garotos não são do tipo “totalmente esportistas”, mas têm uma linguagem corporal esportivo-burguesa na qual nunca serei fluente. Apesar disso, não sou horrível em esportes. Sou flexível e consigo correr bem rápido. Até já corri com meu pai algumas vezes, quando era bem mais nova. Algumas amigas da minha mãe me descrevem como “magra e forte”. Eu só não sou adepta de esportes em equipe. Você tem de confiar nas pessoas para pertencer a um time.

— Sim? — diz Scott.

— O quê?

— Você estava dizendo...?

— Ah, não, é só...

O que eu estava pensando? Não posso contar para ele aqui. Alguém pode chegar a qualquer momento. No entanto, também não posso perguntar a Scott se quer dar uma volta ou algo parecido. Seria esquisito, essa foi a primeira conversa que tivemos. Se é que podemos chamar assim.

— Nada — concluo eu.

Ele olha para mim e diz:

— É uma pena que nunca conversamos antes.

— Sempre temos o próximo ano.

— Não, não temos. Bem, *você* tem. Eu vou me mudar.

Para tudo! Scott Abrams está se mudando?

Coração...

Em...

Pedaços.

— Você está... *se mudando*?

— Para Nova York. Detesto não estar aqui no ano que vem, mas meu pai foi transferido.

— Quando?

— Contaram para ele há três meses...

— Não, quando você vai se mudar?

— Na semana que vem.

Um grupo de garotos passa por nós, correndo, com pistolas de água, espirrando um no outro. Minha camiseta fica imediatamente encharcada.

— Que droga! — Scott diz, olhando para a camiseta.

Tudo que consigo dizer é:

— Você não tem ideia.



**Papai foi** muito além.

— Não acredito!

Eu olho para o quarto com cara de boba.

— Isso é incrível!

— Então você gosta? — pergunta papai.

— Você está brincando? Eu *adoro*.

Não sei como papai conseguiu deixar este quarto arrumado para mim em uma semana. Parece que era seu *home office* antes. Agora é meu novo quarto.

Na cidade de Nova York.

A única coisa sobre a qual consegui pensar durante o verão todo foi a mudança de Scott. Como ele nunca saberia o que significa para mim e nunca perceberia que pertencemos um ao outro. Como eu nunca descobriria se ele se sente da mesma forma.

Fico reprisando o que ele disse no piquenique: “Eu vi você. É uma pena que nunca conversamos antes”. Uma pessoa não diz isso se não estiver pelo menos um pouco interessada em você. E o jeito que ficava olhando para mim, como se estivesse tentando me dizer alguma coisa... Alguma coisa que eu gostaria de ouvir.

Percebo nosso potencial, o que poderíamos ser juntos. Se ao menos eu tivesse mais uma chance...

Quando meu pai foi embora, ele comprou um apartamento de dois quartos em Greenwich Village. Eu nunca tinha ido lá, mas tinha ouvido dizer que o bairro era incrível. Parecia ser o lugar ideal para mim. Apesar

de ser possível avistar, da minha cidade, South Jersey, a silhueta da cidade de Nova York contra o céu, ainda assim parecia tão longe! Viver em Nova York foi meu sonho por muito tempo. Sempre tive a esperança de morar lá um dia, quando minha verdadeira vida começasse. Bem, esta era uma oportunidade para a minha verdadeira vida começar mais cedo.

Era tão importante para mim que liguei para meu pai. Foi uma grande coisa. Não falava com meu pai desde que ele tinha ido embora. Naturalmente, ficou surpreso de ter notícias minhas. Quando nos deixou, tentou me manter como parte de sua vida, mas eu não quis. Não retornei suas ligações, nem fui visitá-lo quando convidou. Depois de um tempo, ele desistiu.

É por isso que ele não acreditou que eu estava ligando.

— Estou tão contente por você ter ligado — disse papai. — Sinto sua falta!

— Bem... sei que foi há muito tempo, mas você se lembra de que falou para mamãe que eu podia ficar com você?

— Sim.

— A oferta é válida ainda?

— Quando quiser!

Claro que não contei a ele sobre Scott. Só falei de como eu precisava de uma mudança e como uma escola melhor me motivaria academicamente.

— Quero muito mudar para outra escola — disse a ele. — Já investiguei a West Village Community on-line...

— É uma das melhores escolas da cidade.

— Eu sei.

— Adoraria ter você aqui — disse papai, todo animado.

Quando forças fora do seu controle assumem a direção, elas levam você a fazer coisas bobas. Ou coisas loucas, como esta que o amor estava me levando a fazer, dando uma total reviravolta em minha vida. Até pensar sobre a mudança era incrível! Mas também me sentia mal, pois estava mentindo sobre a história da escola. Como se me

importasse com o lugar onde ia estudar! Porém, era o único jeito de convencer meu pai de que eu tinha um motivo válido para me mudar.

E era o único jeito de convencer minha mãe a me deixar ir.

— Qual é o assunto? — perguntou mamãe, desabando no sofá.

Eu me lembro quando papai costumava desabar no mesmo sofá, exausto após um longo dia de trabalho e da viagem para chegar em casa. É tão estranho ainda estar na mesma casa, com as mesmas coisas, só que sem o papai...

Eu estava muito agitada para sentar. Fiquei perto da mesa de centro, balançando um pouco.

Não conseguia me lembrar da última vez que tinha conversado com mamãe sem me sentir tensa. Desde quando papai nos deixou, é como se não conseguíssemos nem assistir à TV sem “tensão” entre nós, como um hóspede indesejado que diz que vai ficar apenas alguns dias e nunca vai embora.

— Se você não estiver com vontade de conversar... — disse eu.

Não que ela tenha sentido alguma vontade de conversar nos últimos tempos, mas eu já deveria saber que não dá para falar com ela assim que chega do trabalho. Ela detesta seu trabalho. Pessoalmente, não acho que exista algum trabalho que lhe agradasse. Mamãe não trabalhava quando o papai morava aqui. Era uma pessoa muito mais feliz. Então papai foi embora e ela se tornou toda amarga e de mal com a vida.

— Pode ser agora — disse ela.

— Porque nós podemos conversar mais tarde...

— Brooke — mamãe esfregou a têmpora —, o que é?

No canto, o relógio do vovô tiquetaqueou. Os tique-taques pareceram mais altos que de costume.

— OK, tem uma coisa que estou querendo fazer e já planejei tudo, então você nem vai ter que fazer nada. Tudo que preciso é de sua permissão.

— Para quê?

Existem dois assuntos que enfurecem mamãe: escola e papai. Eu os evito o máximo possível, mas, se quisesse ir em frente, teria de falar sobre ambos.

— Não é nada grave! Eu... hum... quero morar com papai por um tempo, é isso. Só durante o terceiro ano.

Mamãe deu uma risada alta.

— Por que você quer fazer isso depois de tudo que ele fez para nós?

— Basicamente? Não me sinto suficientemente desafiada na escola, e você está sempre dizendo que preciso me dedicar mais, que não estou usando todo meu potencial e tudo mais. Mas eu não consigo me esforçar mais, a menos que esteja motivada. Minha escola é horrível! A escola no bairro do papai é excelente.

— Como você sabe?

— Eu pesquisei. Tem muito dinheiro naquela área. Mais dinheiro significa escolas melhores.

— É realmente por isso que você quer morar com ele? Para ir para uma escola melhor?

— É.

De novo, eu estava mentindo, mas não me importava. Ela nunca me deixaria mudar para a cidade e morar com papai só para ir atrás de um garoto.

— Eu tenho que mostrar para as faculdades que levo a sério a ideia de melhorar minhas notas. Além disso, posso escrever sobre minha transferência nas redações dos formulários de inscrição.

Mamãe estava cética.

— Ele disse que podia morar com ele se eu quisesse...

— Eu *sei* o que ele *disse*.

— Então... posso?

— De jeito nenhum!

— Por que não?

— Morar comigo é tão ruim assim que você tem de sair correndo para morar com aquele manipulador filho da mãe?

Será que mamãe não percebia que a raiva estava destruindo sua vida? A mamãe que eu conhecia era tão diferente! Ela costumava plantar flores no jardim da frente na primavera, jogar cartas com os vizinhos e fazer trabalho voluntário no centro de assistência a idosos. De vez em quando, ela até me surpreendia, depois das aulas, com bolachas de creme de amendoim recém-saídas do forno. Aquelas sempre foram minhas tardes favoritas... Eu sentava à mesa da cozinha e fazia minhas tarefas, enquanto mamãe começava a preparar o jantar. Eu me sentia realmente segura, como se nada precisasse mudar um dia.

Era tão ingênua naquela época!

Durante os últimos anos, mamãe foi gradualmente parando de fazer essas coisas. Às vezes, nem a reconheço.

Bati com a perna na mesa de centro, como se, de repente, minha mente não conseguisse controlá-la mais. O controle remoto pulou. Eu gostaria muito que ele tivesse uma tecla: RESTABELEECER A CONVERSA.

— Ele não é...

— Você só tem mais um ano. Depois, pode ir para uma faculdade em qualquer lugar.

— Bem, não posso exatamente entrar em *qualquer lugar*, mas...

— Por que você está fazendo isso comigo?

*Tão irritante!* É sempre algum problema com ela.

— Não é nada com você, mamãe. É comigo.

— Bem, você pode esquecer — revidou ela.

— Acho que não.

— Como?

— Não estou tentando desafiá-la. Você sempre acha isso, mas não quero brigar com você. Só quero ir para uma escola melhor.

— Parece que você já se decidiu — disse ela. — Não posso forçá-la a ficar. Então, se é isso que você quer, ótimo. Deixe-o lidar com a educação da filha, para variar.

— Só quero fazer o que é melhor para o meu futuro — disse eu, em voz baixa.

— Eu não gosto disso.

— Você não tem de gostar.

Então agora estou aqui, morando com meu pai. Vou para uma nova escola, que começa em dois dias. Tudo isso para ficar mais perto de Scott Abrams.

— Minha *designer* de interiores fez um trabalho fantástico! — papai diz. — Não consigo acreditar que este era meu *home office*.

— Ela trabalhou muito rápido.

— É o que você recebe quando paga para ter o melhor.

Faço que sim com a cabeça, como se pudesse entender.

— Meu arquivo costumava ficar aqui. — Papai aponta em direção a uma cômoda grande.

Ela tem aquele cheiro de madeira nova.

— Adorei!

— Ela achou que você ia adorar. É da Crate and Barrel.

— É muito legal. Estava mesmo precisando de mais gavetas.

Papai e eu estamos começando bem, considerando que é a primeira vez que o vejo em seis anos. Acho que nós dois estamos tentando fazer as coisas darem certo. Em minha opinião, não há motivo para drama desnecessário, depois de tanto tempo. Provavelmente por isso, nós estamos sendo tão educados um com o outro. E é por isso que meu pai está me dando este quarto incrível.

Ele explica as outras mudanças que sua *designer* de interiores fez. Tenho uma escrivaninha e uma estante novas, além de um criado-mudo, tudo sofisticado, combinando em branco. O armário foi refeito para ter uma parte para pendurar roupas e outra, com gavetas, prateleiras e cubículos, para sapatos. A luz entra pelas duas janelas grandes, voltadas para o sul, e uma brisa sopra através das cortinas brancas de algodão. Minha cama também é

da Crate and Barrel. É bem mais alta que a cama lá de casa e tem gavetas embaixo.

Obviamente, adoro meu quarto novo. Fico reparando em todos os detalhes. No meio do piso de madeira de lei, um tapete redondo, com listras brilhantes; nos bancos abaixo das janelas, almofadas com cores que combinam com as listras do tapete e um almofadão cor de maçã verde. Um grampeador vermelho brilha na escrivaninha branca e, perto da porta, há um quadro magnético com lindos ímãs cintilantes.

— Estou contente que você tenha gostado — diz papai.

— Obrigada por me deixar ficar!

— Esta é sua casa também. É ótimo tê-la aqui, filhota.

*Filhota* me sensibiliza profundamente. É como ele costumava me chamar na época que era um pai de verdade.

Não adianta ficar com raiva de coisas que não podem ser desfeitas.

Não consigo acreditar que estou realmente aqui. Depois de todo aquele tempo desejando morar em Nova York um dia, agora é real. A empolgação borbulha dentro de mim e faz com que me sinta viva de um modo que nunca senti antes.

Não demoro muito para desfazer as malas. Deixei muita coisa em casa. Trouxe apenas roupas e livros... e minha caixa de desejos.

Minha caixa de desejos é o que tenho de mais secreto. Ninguém sabe que ela existe, nem April. Eu me sentiria uma boba explicando do que se trata esta caixa. Funciona assim: coloco bilhetes com meus desejos dentro dela, depois fico esperançosa. É a única coisa que me mantém sã e me faz acreditar na possibilidade de que coisas improváveis poderão se concretizar. Eu tenho de me agarrar a essa esperança. É a esperança que me faz prosseguir.

